Tragédia e Solidariedade Direcionada no Discurso Jornalístico[1]

Carlos ORELLANA[2]
Isabel Padilha GUIMARÃES[3]
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O presente artigo pretende investigar as lógicas de compreensão de fatos trágicos, principalmente de situações de grande comoção compartilhada, a partir das narrativas midiáticas. E como o discurso jornalístico sobre a tragédia da boate Kiss articula a formação de comunidades emocionais, ativa a solidariedade direcionada e gera um metadiscurso sobre o fazer jornalístico.
.

PALAVRAS-CHAVE: solidariedade; tragédia; jornalismo; comunidades emocionais; comunicação.

INTRODUÇÃO

Se a tragédia expõe as contradições da contemporaneidade, como é capaz de ser reveladora dos princípios que constituem a própria sociedade e as formas comunicacionais que nela se realizam? Trata-se de um ponto de partida primordial para a compreensão dos diversos campos sociais e da ação da comunicação.

> Os habitantes do mundo líquido-moderno, acostumados a praticar a arte da vida líquido-moderna, tendem a considerar a fuga do problema como uma aposta melhor do que enfrentá-lo. Ao primeiro sinal do mal, procuram uma passagem dotada de uma porta confiavelmente pesada para trancar depois que a atravessaram. (BAUMAN, 2006, p.95).

[1] Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES. Graduado em jornalismo, Mestre em Comunicação pela UFSM. E-mail: lapisazul2984@gmail.com

[3] Bolsista de Estágio Pós-doutoral DOCFIX Fapergs/CAPES junto ao programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em jornalismo, mestre e doutora em Comunicação Social pela PUCRS. E-mail: isabelpadilha@yahoo.com.br

O desafio é compreender o modo como elementos não-racionais (perigo, medo, risco, acaso) se revelam através do discurso jornalístico sobre a tragédia, atuando na construção da legitimidade social dos veículos de comunicação.

Tragédia: o agir humano

A tragédia, na concepção do termo grego *tragoidia*, significa "peça ou poema com final infeliz". Considera-se como um evento no qual o herói (heroína), desafiado pelas forças sobrenaturais dos deuses, não resiste e sucumbe sobre sua própria força. Desse modo, compreendemos as tragédias como narrativas que expõem a falibilidade da ação humana. A tragédia como modelo discursivo de compreensão do real será resgatada posteriormente pelo Renascimento.

A tragédia apresenta certas características como, por exemplo, se tratar de um evento imprevisível que altera o rumo dos acontecimentos, desafiando o protagonista, gerando um conflito com desenlace trágico e destruição dos personagens. Segundo Aristóteles, a *catástrofe* "é uma acção perniciosa e dolorosa, como o são as mortes em cena, as dores veementes, os ferimentos e mais casos semelhantes". No seu desfecho, ocorre a catarse, que "purifica as emoções (idênticas a dos personagens), através do terror e da piedade que deve provocar nos espectadores" [4].

Bauman (2006) descreve os fatores que levam ao acontecimento trágico: aversão inata à autolimitação, a transgressividade inerente, o ressentimento e o desrespeito em relação a todas as fronteiras e limites, como os fatores que levariam a humanidade a correr o risco do inadministrável.

A transgressividade, mencionada por Bauman (2006), consiste na incapacidade humana de se limitar às condições sociais impostas, tratando-se de uma tensão ou pulsão para o desrespeito às regras e um dos fatores para o surgimento de acontecimentos trágicos, isto é, quando os sujeitos não respeitam os limites (sociais, jurídicos, éticos), formando o terreno para o desenvolvimento de situações trágicas.

Considera-se a tragédia, portanto, como um evento singular que extrapola as condições normais de compreensão do real, superando a própria lógica racional, na qual as leis (físicas, sociais e culturais) são anuladas e colocadas temporariamente de lado. Produz

[4] Informações retiradas do site: http://faroldasletras.no.sapo.pt/frls_elementos_da_tragedia.htm>. Acesso em: 10.jul.2013.

ambiência no qual certos valores, ideias e sentimentos são compartilhados por um grupo social, produzindo coesão social, estimulando ação e discursos direcionados aos sujeitos.

Analogamente, os jornalistas se assemelham ao coro da tragédia grega. Na comparação, temos uma maneira didática de exemplificar a ação humana, através dos mesmos modelos, constituídos pelo público, atores e coro. Neste contexto, os jornalistas cumpririam este papel. Através da etimologia da palavra coro, do latim *chorus* "dança em círculo, grupo de pessoas que cantavam uma tragédia", o jornalismo, assim como o coro, cria ambiências, nas quais as pessoas sentem-se pertencentes.

Na tragédia, os cantos corais tinham o papel de "conferir à ação dramática o tônus emocional, independentemente de sua interferência ou não na ação propriamente dita". O coro intervinha controlando a emoção, aumentando ou diminuindo a tensão dos diálogos. Independentemente dos personagens, também apresentava um ponto de vista, a partir de um colegiado, "de um conjunto representativo da vida em comunidade" (SANTOS, 2000, p.8-10). Ao aprofundar a questão do coro em Eurípedes, Santos (2000) ressalta que, concomitantemente à ação dos atores em cena, que progride "de acordo com a urgência dos eventos presentes", o coro tem liberdade de movimento, "indo ora para o passado, evocando acontecimentos e cenas distantes, ora se projetando para o futuro e mesmo desejando um presente diferente do apresentado pelas personagens", com a possibilidade de traçar uma rede de significação para as imagens que estão sendo encenadas (SANTOS, 2000, p.11).

Quando aborda o evento trágico, a narrativa jornalística atribui perspectivas ao sujeito moderno, através dos modelos do agir e da narrativa do agir, a partir de uma ação que já é passado, mas serve para criar o cimento social. Neste sentido, a temporalização do evento trágico é o primeiro recurso discursivo do jornalismo de destacar o evento em relação às ações cotidianas. Observa-se que a data de 27 de janeiro, assemelha-se, discursivamente, ao ataque às torres gêmeas em Nova York, que ficou conhecido como o 11 de setembro.

Capa do dia 28/01/2013

Fonte: http://blogs.diariodonordeste.com.br/papoon/wp-content/uploads/2013/01/BRA_DSM.jpg

O que é da esfera do sofrido estará em permanente tensão com aquilo que foi espontâneo ou intencional. A intencionalidade ou a espontaneidade da tragédia é suspensa, momentaneamente, para dar lugar ao que se sente, ao que se sofreu e ao que atingiu profundamente os sujeitos. Neste sentido, é pela ação trágica que a responsabilidade do agir será destacada historicamente no tempo e dará a dimensão da condição humana como agente produtor de transformação. Assim, a tragédia revela-se no terror e na culpabilidade que nos submergem quando, através da inexorável progressão do drama, vem à nossa consciência o que não gostaríamos de ter vivenciado.

> Expor sofrimentos implica representar sua instância máxima para nossa cultura, a morte. Quando folheamos jornais ou nos colocamos diante das telas de tevê, uma primeira forma de sua presença na mídia se destaca: a morte atual, súbita e aparentemente aleatória, como em catástrofes naturais, terrorismo e crime. Aparentemente porque a representação midiática não cessa de se interrogar sobre a parcela de responsabilidade humana nesses acontecimentos. (VAZ, 2006, p.15).

A tragédia grega clássica é o mecanismo fundamental para tomada de consciência do homem sobre seu agir. Ela representa um dos primeiros modelos gestados no Ocidente sobre a ação tanto na sua dimensão pública quanto privada. Segundo Vaz (2006, p.14), "os meios de comunicação propõem, portanto, uma teia de causalidade vinculando o passado ao futuro, na qual o que está em jogo é o poder da ação humana diante dos sofrimentos".

O sujeito e a sua capacidade de agir frente às situações adversas são postos à prova na tragédia. No caso específico da tragédia da boate Kiss, é neste momento que a cidade de Santa Maria ganha visibilidade. De acordo com Vernant e Naquet (2005), o homem e sua ação alinham-se, não como realidades estáveis que podem ser definidas, mas como

problemas, questões sem respostas, enigmas cujos sentidos continuam à espera de ser decifrado. A identidade concebida é aquela que emerge a partir da tragédia, como resultado dos conflitos do sujeito frente às situações adversas que, por sua vez, cria um espaço de ressonância psicológica e de questionamento ético. Vaz (2006, p.13) menciona que as representações de sofrimento veiculadas pela mídia afetam a ética e a política "porque elaboram e consolidam concepções de senso comum sobre responsabilidade individual e coletiva", demarcando o poder da ação humana em relação ao passado e ao futuro.

Fonte: http://www.pontozap.com.br/noticias3.php?id=155&cat=1

Como observa Maffesoli, há uma distinção entre os pensamentos dramático e trágico. Destaca que no drama, há um evento que deve ser resolvido em termos dialéticos, enquanto no pensamento trágico há uma suspensão temporal, como se houvesse um presente contínuo e que nem sempre se encontra uma solução para o fato. Neste sentido, o trágico é referido como o "instante eterno", pois "não se procura uma eternidade, mas sim o presente" (BARROS, 2008, p.184).

Assim, entendemos que as mídias operam um deslize entre uma concepção dramática e uma concepção trágica do real em situações de crise de confiança, isto é, elas operam um causalismo e relegam ao limbo uma perspectiva sistêmica do acontecimento para que assim possam afirmar sua identidade em relação aos demais campos sociais, ao mesmo tempo em que usam o pensamento trágico quando necessitam da rede de afetos e de sentimentos dos sujeitos, e principalmente, quando produzem metadiscurso em relação à sua atividade. O solidarismo nas mídias funciona num deslize entre uma perspectiva trágica (de suspensão temporal e busca de sentimentos e afetos) e uma visão dramática (de busca de soluções) tendo em vista sua legitimidade.

Se a tragédia grega é a forma pela qual a polis se reunia para congregar um complexo de sentimentos ocasionado pela quebra de confiança, gerando uma solidariedade

direcionada, ela também representa o avanço do homem sobre a própria consciência. Assim, as mídias produzem narrativas sobre seu próprio exercício e fazer, legitimando o seu espaço como discurso social capaz de interpretar, compreender e mediar os demais discursos em uma situação de crise de confiança.

A mensagem trágica comunica que existem zonas de opacidade e de incomunicabilidade nas palavras trocadas pelo homem, E a ironia trágica nasce das contradições das palavras trocadas pelos homens, uma palavra que se volta contra ele, trazendo-lhe a experiência amarga de um sentido que não se esperava reconhecer.

Fonte: http://blogs.diariodonordeste.com.br/papoon/wpcontent/uploads/2013/01/BRA_DC.jpg

A nebulosa afetiva

Segundo Maffesoli (2008, p.9), "ao mesmo tempo em que se observa a saturação do indivíduo indivisível e uno, há uma emergência da pessoa (persona ou máscara)", que tem várias máscaras à disposição. Ela é plural, pertencente ao universo das 'identificações múltiplas'. Barros (2008, p.185) ressalta a mudança de concepção temporal. "No individualismo, o que está em jogo é o futuro. Na pessoa, o que está em jogo é o instante eterno. A consequência da pluralização é a multiplicação das grandes emoções compartilhadas". Neste sentido, "os ritos piaculares, de choro, por exemplo, teriam uma função agregativa que operaria como 'cimento social' (...) Não se trata mais de pensarmos apenas no indivíduo racional, mas em termos de pessoas emocionais" (BARROS, 2008, p.185).

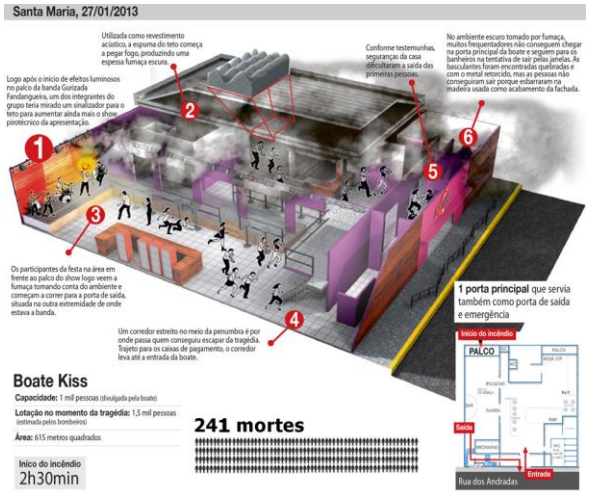
De acordo com afirmação de Quaresma (2005, p.86), através da constituição de comunidades emocionais que se opõe à organização racional da sociedade moderna é que

"a pós-modernidade apresenta uma nova organização social apoiada num ethos comunitário, fugaz, pontual, sem o objetivo de assegurar sua permanência, reunindo-se ritualisticamente e afirmando um sentimento que o grupo tem de si mesmo".

A nebulosa afetiva se constitui a partir dos afetos e sentimentos. Assim, as situações de solidarismos se configuram como um resultado de sucessivas relações de sentimentos indefinidos que se depositam na experiência social do evento trágico. A comunidade resulta da integração de um sentimento de pertencimento experimentado pelos participantes e motivado por uma ligação emocional ou afetiva.

Vaz (2006, p.17) aponta a transição da norma ao risco, como uma ideia para se pensar o poder da ação humana. Na vigência da norma, a ação humana é limitada pelo contexto social, assim como o progresso; a responsabilidade pelo sofrimento se localiza na capacidade de os indivíduos ultrapassarem esse conceito que os determina. A ideia de risco se refere a um evento, passado ou futuro dependente de uma decisão humana. Uma escolha que é feita independente de seu contexto social, a partir de uma escolha individual.

Na relação entre risco e ciência, o primeiro termo é o que prevalece na cultura contemporânea, na medida em que o sujeito utiliza, cada vez mais, o conhecimento científico no seu cotidiano, através dos meios de comunicação, se valendo da opinião de especialistas para a prevenção de riscos futuros. Entretanto, "a presença da ciência acarreta problemas de credibilidade para os cientistas, na medida em que podem divergir sobre os riscos que existem e o quanto devemos nos preocupar com ele, e na medida em que sua opinião sobre riscos torna-se a base para políticas públicas" (VAZ, 2004, p.14).



Fonte: http://seviradesign.blogspot.com.br/2013/01/infografico-sobre-tragedia-em-santa.html

Solidariedade Direcionada

Bauman (2006) compreende que o evento trágico está posicionado em lado oposto ao pensamento moderno, uma vez que anula o papel do agir humano em detrimento dos fatores que ele não tem condições de controlar. O autor se refere à culpa moral que pegou os homens modernos de surpresa, na medida em que a tragédia vai contra o que espírito moderno representava, ou seja, a oposição entre as expectativas, esperanças e intenções comuns, de eliminação da condição humana da aleatoriedade, da contingência e da incompreensão perturbadoras.

Considera-se que, a partir de um evento trágico, há uma série de símbolos, formações imaginárias e estratégias discursivas que são ativadas para a produção de ações e discursos de modo a produzir uma solidariedade direcionada que é a resposta aos sentimentos e às imagens simbólicas despertadas a partir da ideia de morte, desespero e anulação da força humana frente ao irracional. Segundo Bauman (2006, p.92), "solidariedade direcionada em resposta a desastres particularmente horrendos...".

Capa do dia 29/1/2013

Fonte: http://www.clicrbs.com.br/especial/br/dsm/capa-interna,14,0,0,0,A-historia-da-tragedia-na-Kiss.html

Neste sentido, nos reportamos ao espaço da cidade, como pode se observar na capa acima. "O lugar faz o laço, é isto mesmo que caracteriza o instante eterno". Ao contrário de uma eternidade distante e futura que caracteriza a modernidade (e a tradição ocidental), agora ela é cristalizada no momento. Ela se especializa, ressaltando a importância do compartilhamento do espaço (físico ou simbólico) comum (MAFFESOLI, 1998).

Concomitantemente à solidariedade direcionada, pode haver o "luto direcionado", que é o sentimento de perda súbita de um ídolo ou de uma pessoa de quem se tem estima

coletiva. Mas onde se revelam os sentimentos de "solidariedade direcionada" e de "luto direcionado" que geralmente se apresentam em eventos trágicos? Bauman (2006) considera que é na crise de confiança que surgem esses sentimentos.

> A crise de confiança é má notícia. De clareiras isoladas e bem protegidas, lugares onde se esperava retirar (enfim!) a armadura pesada e a máscara rígida que precisam ser usadas na imensidão do mundo lá fora, duro e competitivo, as "redes" de vínculos humanos se transformam em territórios de fronteira em que é preciso travar, dia após dia, intermináveis conflitos de reconhecimento. (BAUMAN, 2006, p. 93)

Nossa hipótese é a de que o jornalismo, aos olhos dos leitores, deve cumprir o papel de construir o cenário de solidariedade direcionada e tudo que escape a isto torna-se vulgar ou de mau-gosto, rapidamente observado pelos públicos, ao mesmo tempo em que revela a crise de confiança em que o grupo social se encontra. Como foi observado anteriormente, a tragédia é o poema ou peça com final infeliz, e na contemporaneidade se revela através da narrativa do discurso jornalístico. Assim, a reportagem narra a tragédia, com os jornalistas, em coro, narrando o final infeliz aos cidadãos da *polis*.

Neste sentido, as redes sociais (uma ênfase mais efêmera e emocional) e as mídias (uma ênfase mais institucional e racional) tentariam abrigar essas comunidades emocionais em eventos de solidariedade direcionada. Guiamos-nos pela ideia de que o jornalismo exerce uma função específica que seria a de desenvolver uma ambiência de solidariedade direcionada provocada pela crise de confiança gerada naquela sociedade. Trata-se da resposta socialmente esperada daqueles que produzem a narrativa diária da *polis*. Constitui-se no modo pelo qual o jornalismo produz meta discurso sobre a importância da sua atividade.

O jornalismo se constitui como uma das principais dimensões na qual se destaca a narrativa trágica na medida em que, historicamente, foi dado o papel de compreender racionalmente os eventos e localizá-los em uma perspectiva capaz de fazer sentido aos mais diversos grupos. E como o jornalismo produz narrativas nas quais, a irracionalidade, o acaso e o ilógico não fazem mais sentido, sendo postos de lado e fazendo emergir um complexo de sentimentos e afetos que interpelam o grupo social? Nestas situações de crise de confiança e tragédia, desenvolve uma ambiência de sentimentos, temporária e geograficamente localizada, chamada de solidariedade direcionada, tratando-se de uma resposta socialmente esperada daqueles que produzem a narrativa diária da *polis* e o modo pelo qual o jornalismo produz metadiscurso sobre a importância de sua atividade.

Capas dos dias 02 e 03/2, 26/2, 30/1.

Fonte: http://www.clicrbs.com.br/especial/br/dsm/capa-interna,14,0,0,0,A-historia-da-tragedia-na-Kiss.html

Para Maffesoli (2003, p.13), "a comunicação é o que nos liga ao outro (...) é o que faz reliance (religação)". O autor utiliza a expressão "cimento social", já citada anteriormente, para se referir à comunicação. Noção que está implícita na socialidade. Ele se refere à comunicação como a "cola do mundo pós-moderno", pois só podemos existir e compreendermo-nos na relação com o outro, cada um ligado ao outro pela mediação da comunicação. "O importante é o *primum relationis*, ou seja, o princípio de relação que me une ao outro". (MAFFESOLI, 2003, p.13).

Refere-se ao sentido etimológico da palavra informação – dar forma. "Informar significa ser formado por. Trata-se da forma que forma, a forma formante". Significa que na era da informação "não se pensa por si mesmo, mas se é pensado, formado, inserido numa comunidade de destino". A informação também liga, une e junta (MAFFESOLI, 2003, p.14).

Neste sentido, o questionamento que nos propomos refere-se à função da atividade comunicacional e o seu papel nos demais campos sociais, refletindo sobre o modo como o jornalismo produz um discurso sobre a sua própria atividade, em situações trágicas. Nossa hipótese é a de que o exercício do jornalismo se aprofunda ainda mais em um espaço definido, no qual o vínculo social vem renovado a partir de emoções compartilhadas e de sentimentos coletivos, um dos fatores essenciais de uma vida social em transformação (MAFFESOLI, 1998).

Considerações finais

De acordo com Maffesoli (1998), insistimos tanto na ideia de desumanização do sujeito moderno e no desencantamento do mundo que nos esquecemos de observar as redes de solidariedade que se constituem. O autor compreende que através de situações de solidarismos, que servem de pano de fundo para os fenômenos grupais, podemos compreender a nebulosa afetiva ou comunidades emocionais. Através delas, a pós-modernidade apresenta uma nova organização social sem o objetivo de assegurar sua permanência, reunindo-se ritualisticamente, afirmando um sentimento que o grupo tem de si mesmo.

As comunidades emocionais representariam o resultado de um processo de integração que tem como fundamento o sentimento de pertencimento experimentado pelos seus participantes e motivado por uma espécie de ligação emocional ou afetiva. Apresenta uma vontade de "estar-junto", e o que mais importa é o compartilhamento de emoções em comum. Desse modo, Maffesoli (1998) entende a "cultura do sentimento", constituída por relações tácteis e formas coletivas de empatia, cujo presente vivido coletivamente torna-se o principal vetor.

Todavia, ainda perguntamos qual é o papel da comunicação na constituição dessas comunidades emocionais. Como bem descreve Maffesoli (2003), a comunicação é o cimento social, a base na qual as atividades de expressão humana vão se apoiar.

> A vida social baseia-se quase inteiramente na atração e na repulsão. Vibra-se em vivências de pequenas comunidades. Nisso tudo, entram motivações utilitárias, práticas, intelectuais, mas também lúdicas, oníricas, que se esgotam em si mesmas. A comunicação pode ser, como nas conversas sem razão de ser de todo dia, um ato em si: conversar por conversar, para estar junto, para passar o tempo, para dividir um sentimento, uma emoção, um momento (...) Comunicar por comunicar. (MAFFESOLI, 2003, p. 16-17).

Se a tragédia grega é a forma pela qual a *polis* se reunia para congregar de um complexo de sentimentos originado pela quebra de confiança, gerando uma solidariedade direcionada, ela é também gênero, formato que tem, em sua narrativa, os princípios para defender a si mesma, afirmando que se trata de uma tragédia porque é um gênero que melhor representa o avanço do homem sobre sua própria consciência. Assim, as mídias produzem discursos sobre seu próprio exercício, seu próprio fazer, como modo de legitimar seu espaço como discurso social capaz de interpretar, compreender e mediar os demais discursos em uma situação de crise de confiança.

Há, nessas situações que geram um complexo de sentimentos, uma meta-narrativa. Este meta discurso deve contribuir para a solidariedade direcionada e para isso, se

transveste desta mesma solidariedade. Cria ambiência, pois, para ser legitimado, necessita fazer o discurso sobre si mesmo (depoimento dos jornalistas), fazendo referência sobre o mesmo sentimento, gerando uma identificação com a comunidade afetiva. Criar um meta-discurso para se validar, mas não podendo ser somente sobre si mesmo.

Segundo Charaudeau (2007), o metadiscurso se constitui numa estratégia discursiva operada no sentido de demarcar o posicionamento dos sujeitos no ato de comunicação e nas suas práticas correlacionadas, isto é, há a identificação dos sujeitos da comunicação com a solidariedade direcionada. Portanto, neste sentido, o jornalismo utiliza o metadiscurso como um processo para definir seu espaço social em momentos de crise ou comoção sem que pareça fazer uma promoção de si. .

A estratégia do metadiscurso, no jornalismo, não pode ser usada gratuitamente, mas como um recurso capaz de orientar sentidos sobre o fazer comunicacional em momentos de crise, sem que pareça que faz uma publicidade de si, pois em momentos trágicos, há rupturas em diversos campos sociais. Desta forma, o jornalismo garante, mesmo nestas situações, um espaço de legitimidade, apelando para a ordem do sentimento, do afetivo e do não-racional. Serve não só para criar uma ambiência, mas também designa a comunidade interpretativa no interior da comunidade afetiva. Orienta a forma como aquele sentimento deve ser expressado pelos outros, direcionando-se da comunidade interpretativa para a afetiva, gerando sentimento de pertencimento. O local fala para o nacional, através da repórter, do acento, da identificação, etc.. Se trata da própria construção da comunidade interpretativa pela mídia, que se torna afetiva e fala para o nacional, relacionando-se pelo afeto.

> Compreende-se que a tragédia se prende à mobilização de um complexo afetivo que cada um de nós traz consigo, em um jogo de conflitos, de reviravoltas, de ambiguidades do cotidiano e das forças religiosas, isto é, está além do ato em si, em seus desdobramentos e contradições. (VERNANT E NAQUET, 2005).

A tragédia é um catalisador das questões públicas em termos de afetos e sentimentos individuais que são reunidos numa dimensão pública através do seu caráter de evento excepcional. Portanto, esses sentimentos serão os promotores de uma ruptura da experiência social com as suas formas tradicionais, as experiências (jurídicas, sociais e políticas) do passado e do futuro. Um exemplo é a revisão e a atualização de leis contra incêndio propostas após o incêndio na boate Kiss, surgindo assim uma nova pauta de propostas do que poderia ser feito frente às condições da tragédia.

O domínio próprio da tragédia situa-se em uma zona fronteiriça, na qual os atos humanos vêm articular-se com o divino, inserindo-se numa ordem que ultrapassa o homem e a ele escapa. O herói trágico vem expor as contradições da cidade, sua ação denuncia o dilaceramento da consciência e as contradições que dividem o homem e a própria experiência social.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. São Paulo: Zahar, 2006.

BARROS, Eduardo Portanova. Maffesoli e a "investigação do sentido" – das identidades às identificações. **Ciências Sociais Unisinos**, Set./dez.2008. http://www.imaginalis.pro.br/cms/arquivos/1285425574.pdf

FREIRE FILHO, J.; VAZ, P. (Orgs.). **Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre alteridade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 36, ago. 2008.

_____. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista Famecos,** Porto Alegre, nº20, abr. 2003.

_____. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo**. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 1996.

QUARESMA, Sílvia Jurema. Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC** Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 81-89. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br>,. Acesso em: 02 mai .2013.

SANTOS, Fernando Brandão dos. O canto na tragédia grega. **Aletria**. **Revista de Estudos de Literatura.** Teatro e Crítica teatral. Volume 7. Dez. 2000.
Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_07/ale07_fbs.pdf>
Acesso em: 09 jul. 2013.

VAZ, Paulo. Risco e Justiça. In: CALOMENI, Teresa Cristina B. **Michel Foucault – entre o murmúrio e a palavra**. Campos: Editora Faculdade de Direito de Campos, 2004, p.101-131. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/pvaz1.pdf> Acesso em: 08 jul. 2013.

VERNAT, J. P.; NAQUET, P. V. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectivas, 2005.